

Miríades de associações: arcos abertos...

mesmo Stirner seja tão insuportável para alguns. Ele é um desassossego frente aos verdadeiros; uma inquietude aos que buscam certezas; um demolidor aos que procuram um local seguro para criar morada. Lançar-se na leitura de Stirner é se lançar no risco iminente. É preciso, antes de tudo, desvencilhar-se de certezas, abandonar consolos e renunciar à segurança.

## **miríades de associações: arcos abertos e conectados a flechas certeiras**

| silvana tótora\*

Edson Passetti. *Éticas dos amigos, invenções libertárias da vida*. São Paulo, Editora Imaginário/Capes, 2003, 293 pp.

Pensar sem pensamento. Corte que possibilita uma entrada em um texto que se movimenta no limite do caos, sem temer o disparatado, o paradoxo, desterritorializando a fixidez e o conforto das representações universalistas. Uma escrita que resiste a ser domada por sínteses totalizantes, que seleciona os leitores — alguns e não todos — dispostos a se abrir às multiplicidades mutáveis que dispararam problemas e

\* Professora no Depto. de Política e vice-coordenadora do PEPG-Ciências Sociais da PUC-SP.

questões abertas, dificultando a captura por um sistema de saber-poder. Experimentar a vida na sua tragicidade e intensidade: eis o convite que Edson Passetti nos faz em seu intempestivo livro, *Éticas dos amigos, invenções libertárias da vida*. Texto para aqueles que não buscam um caminho, pois, bem sabem os inventores, o caminho não existe.

Fazer do ensaio um estilo de percurso possibilita aproximar a escrita da vida, liberando o pensamento para a experimentação e criação, forçando o nosso próprio pensamento a se desestabilizar e fazer nascer algo novo. Pensar também é arriscar-se, diz Foucault. O ensaio é uma linha de fuga de um saber que cria a identidade de um sujeito ou objeto, frustrando as tentativas de enquadramento do autor, um anarquista nos anarquismos.

Foucault, Nietzsche e Stirner compõem o círculo estratégico para uma genealogia da amizade. Edson Passetti caminha na companhia desses pensadores sem ser um mero discípulo, pois, como afirma Nietzsche, “retribui-se mal a um mestre quando se permanece sempre discípulo”. Tampouco os utiliza como objeto de análise, mas sim os deforma, trai como um infiel, entenda-se criador, fazendo-os ranger a marteladas. Em ressonância com Nietzsche e Foucault, Passetti admite o caráter perspectivo do conhecimento que implica em uma relação estratégica de forças. Problematisa a amizade seguindo o percurso genealógico, estremecendo as tentativas de domesticar a amizade em modelos societários ou estatais.

A história, diz Foucault a partir de Nietzsche, é uma multiplicidade de pequenos e singulares acontecimentos descontínuos que escapam aos reducionismos totalizadores, ávidos de sentidos e essências que articulem o presente ao passado. Tal como vivemos uma

Miríades de associações: arcos abertos...

história sem referências e coordenadas reguladoras, como “miríades de acontecimentos”, pode-se experimentar viver entre amigos como uma “miríades de associações”, coexistências anárquicas enquanto vida em expansão, eis a grande invenção que Passetti vai apresentar aos leitores dispostos a acolher o seu sinal.

Ao reclamo de Aristóteles, *ah amigos, não há amigos*, projeto que idealiza a amizade como um bem superior capaz de pacificar conflitos nas relações internas e externas à *pólis*, contrapõe a frase de Nietzsche, *ah inimigos, não há inimigos*. Distinguindo-se de uma seleta comunidade de homens de bem, ideal de Aristóteles, no amigo não se procura a projeção de uma identidade como em um espelho, mas o melhor inimigo, ou seja, guerreiros que não se destróem, mas se desestabilizam. Passetti espera que seus leitores sejam também o seu melhor inimigo.

Cartografar a amizade é se posicionar contra toda metafísica da amizade, comunidades privadas ou públicas constituídas por afinidades eletivas, ou qualquer projeto de sociabilidade utópica. Sublevando-se contra as formas de conhecimento que aprisionam a amizade em representações abstratas, descoladas do mundo em que se vive, Passetti introduz a ética dos amigos, “associabilidade libertária”, prosseguindo no caminho aberto por Foucault, e interrompido por sua morte prematura, de uma estética da existência. Trata-se de “contribuir para pensar os círculos de amizade, como problematizações éticas, também como atividades no ‘exercício de seu poder e na prática de sua liberdade’” (p. 69). As associações libertárias, segundo Passetti, através de seus intercâmbios federativos, perfazem uma história de inseguranças e perigos escapando ao domínio do poder pastoral, disciplinar e de controle.

“A ética dos amigos não é a ética da amizade” (p. 109), pois é desprovida de qualquer moral prévia de cunho universal que oriente os procedimentos de convívio, seja por afinidades ou seja por identidades, tampouco se orienta por uma finalidade de atingir a vida boa, feliz porque virtuosa. A ética dos amigos se institui como práticas diárias de uma vida como obra de arte, autogestão em construção. Tendo a vida como referência e avaliação, “são os amigos e menos a amizade que vivem” (p. 139). “Amizade ou os amigos?” (p. 125), pergunta Passetti. “Preferir o amigo é viver sobre riscos no presente” (p. 125) e não no conforto das relações pacificadas, nostalgia de um passado ou projeção para um futuro idealizados. Colocar a amizade antes do amigo é desejar criar, segundo Passetti a partir de Nietzsche, “conceitos mais elevados, ‘o ser o incondicional, o Bem, o verdadeiro o perfeito’” (p.127). Os amigos em associações libertárias potencializam a liberdade de cada um, sem aspirar nenhuma concórdia ou identidade. O amigo é o melhor inimigo.

Pode-se apreender em Nietzsche uma abordagem da amizade a partir de sua crítica à compaixão (p. 142) pelo homem, paixão dos esgotados da vida e moralizados até a raiz, mas nem por isso menos ávidos de poder, revelando uma vontade de querer dominar a vida, impondo-lhe preceitos normativos. A atitude de Nietzsche em relação ao homem é que ele deve ser superado. O amigo, para Nietzsche, é uma flecha em direção ao super-homem, isto é, um devir criança. Longe de qualquer retorno a uma infância originária, ou perdida, é um modo de vida que “desaloja o conceito do conforto normativo” (p. 151). Sob a perspectiva da criança, que “fala pelo corpo e pela alma” (Nietzsche, apud Passetti, p. 152) é possível um novo começo, uma segunda inocência, pautada no esquecimento e no sim à vida. O

que se pode aprender com as crianças, segundo Deleuze, é a construção de trajetos e devires de intensidades móveis sem se remeter a uma origem modelar e ideal. Amigos são como as crianças que se aproximam e se distanciam em suas diferenças, fazem e refazem relações como círculos móveis e arcos distendidos. Não fazem contratos, mas pactos de intensidades e afetos que se recriam a cada vez de forma diferente, impedindo a fixação em formas ou funções.

A amizade tem sido compreendida no âmbito restrito da vida privada ou em modos de filantropias, que só preservam as hierarquias existentes, seja de cunho privado ou público-estatal, expressando as modalidades vigentes de “amizade entre povos, Estados, empresas, sindicatos, associações de diversas procedências com base no contrato e na normalização da vida” (p. 183). Passetti não desperdiça sua flecha certa apenas no combate dessas formas de amizade, mas afirma a possibilidade de ir além das aproximações e experimentos circunstanciais entre amigos-crianças, “federalizando o planeta com horizontais relações” (p. 184). “Os amigos são parceiros na liberdade e iguais na diferença federativa” (p. 186).

Passetti encontra em Nietzsche um parceiro do libertarismo em sua repulsa ao Estado, seu desprezo pelos ocupantes do poder, governantes, sacerdotes e sua modalidade moderna, os cientistas, que se arvoram em condutores da humanidade, defensores de um suposto bem público, da Verdade, do Direito e da Razão, sedentos de reconhecimento de seus pares e da plebe. A estes não se deve honrar como inimigos, pois não são guerreiros. Os guerreiros evitam a praça (ágora, televisão ou informática), mas não deixam de “invadí-la para afirmar, como resistências, a amistosidade entre iguais diferenciados (...) é entrar e sair da política para enviesá-la, um ardil contra ela mesma” (pp. 177-178).

Na convivência com Nietzsche-Zaratustra, Passetti pode “pensar a amizade livre da idealização como um bem” (p. 183). Nietzsche, assim como Stirner, “nos quer criança”(p. 242), embora Passetti atribua a ele uma “filosofia adolescente”. Torna-se criança não por retorno à uma infância, mas por sucessivas metamorfoses, o Sim da criança, afirmativo da vida, deve passar pelo Não do leão, destruidor dos valores morais existentes que aprisionam a vida. Não se torna um criador/criança sem antes destruir. Mas o alvo de Zaratustra é certo na superação do homem que carrega o peso dos valores morais, no rumo do super-homem, não mais sujeito não mais homem, mas afetos em expansão e permanente metamorfose. É isso que podemos apreender da afirmação de Nietzsche em *Assim falou Zaratustra* “ainda precisas tornar-te criança e não sentires vergonha. Ainda tens em ti a altivez da juventude, tarde te tornaste jovem; mas quem quer tornar-se criança deve, também, superar a sua juventude” (p. 158).

Como crianças pensamos sem pensamento, afirma Stirner, até sermos domesticados. Uma filosofia criança libera o pensar repleto de dúvidas e desacordos, fora do âmbito da verdade seja religiosa ou seja racional. Os amigos como as crianças, para Stirner, são uma “associação de egoístas”, pois não visam aperfeiçoar-se, tornar-se melhor, virtuosos, mas escapar do circuito do bem, da utilidade ou do prazer de uma vida pacificada, justa e boa, vivida no conforto das relações privadas ou no cerco das instituições de cunho civil ou público-estatal.

Para a sociedade e o Estado que necessitam ser defendidos, as miríades de associações não formalizadas são um perigo e uma subversão (p. 217). Ao se associarem os amigos dissolvem fronteiras de identidades, normas morais universalizadoras e obstaculizam as insti-

Miríades de associações: arcos abertos...

tuições disciplinares, pedagógicas ou terapêuticas, interceptando a punição e o castigo como formas de educação. Ser egoísta não significa ser intransigente ou um só querer. “Os egoístas associados produzem querer como relação de horizontalidade, e, como tal, dispensam-se dos mecanismos da persuasão: entram e saem livremente da associação (p. 258).

Se, por um lado, a associação de amigos é um perigo para a sociedade e o Estado porque dissolve seu sentido de fixidez, disciplina e controle com base na lei, na norma e punição dos desobedientes, por outro lado, não está imune a uma possível cristalização. Aliás, trata-se de uma estratégia da sociedade e do Estado isolar em guetos os resistentes para subtrair-lhes a força. Assim, conclui Passetti, a associação de amigos “somente permanece um complô contra o Homem, a Sociedade e o Estado se não se formalizar” (p. 275).

*Éticas dos amigos* de Edson Passetti é uma obra que provocará nos seus leitores, naqueles que não gostam de viver sem riscos, o convite para a experimentação e inventar uma estética da existência em consonância com a vida, escapando das armadilhas do biopoder em suas investidas no domínio da vida.